

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

SANDRA MARIA DIAS

**A MULHER NA EDUCAÇÃO DO BRASIL:  
UMA TRAJETÓRIA REPLETA DE DESAFIOS**

URUAÇU-GO  
DEZ./2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

SANDRA MARIA DIAS

**A MULHER NA EDUCAÇÃO DO BRASIL:  
UMA TRAJETÓRIA REPLETA DE DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial de aprovação, na Universidade Estadual de Goiás, Campus Universitário de Uruaçu, no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob orientação da professora especialista Rosângela Xavier Tavares.

URUAÇU-GO  
DEZ./2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CAMPUS URUAÇU-GO

DIAS, Sandra Maria.

A mulher na educação do Brasil: uma trajetória repleta de desafios

Sandra Maria Dias – Uruaçu Goiás.

Monografia – Licenciatura Plena em Pedagogia.  
Universidade Estadual de Goiás (UEG), Uruaçu, GO, 2019. 47p

Orientadora: Professora Especialista Rosangela Xavier Tavares.

1. A Mulher e sua trajetória: primeiras palavras. 2. Metodologia. 3. Apresentação e análise de dados.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA MONOGRAFIA: A MULHER NA EDUCAÇÃO DO BRASIL: UMA  
TRAJETÓRIA REPLETA DE DESAFIOS

SANDRA MARIA DIAS

BANCA EXAMINADORA:

ROSANGELA XAVIER TAVARES  
Prof.<sup>a</sup> Especialista - UEG - Orientadora da Monografia

JORDANA FERNANDES DE CASTRO  
Prof.<sup>a</sup> Ms - UEG - Arguidora - Membro da Banca  
UEG

ÉRICA NELCINA DA SILVA  
Prof.<sup>a</sup> Especialista - Arguidora - Membro da Banca  
UEG

URUAÇU-GO  
DEZ./2019

Primeiramente a Deus, companheiro de todos os momentos alimentou minha alma com calma e esperança todos os dias dessa jornada. Agradeço meu irmão Marcos Antônio e minha cunhada Sara Mendonça pelas orações, amizade e atenção dedicadas sempre quando precisei, pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações. Enfim a toda minha família que sempre me incentivaram ao longo dessa graduação. Sou grata ao meu esposo pelo apoio emocional expressado nas palavras principalmente nos momentos em que eu pensava que não iria conseguir. Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação, em especial a minha orientadora Rosangela Xavier Tavares que teve papel fundamental na realização dessa pesquisa, pela competência profissional na qual me orientou, agradeço a cada minuto dedicado e parceria na orientação desse projeto. Aos colegas de sala que fizeram parte direta e indiretamente da minha caminhada, principalmente minha amiga Ranielli Ribeiro pelas incontáveis horas de troca de ideias e companheirismo que valeram a pena. Gratidão. Por fim, mas não menos importante, deixo uma palavra de gratidão a todas as pessoas que de alguma forma tocaram meu coração e transmitiram força e confiança em mim.

Dedico este trabalho, ao meu filho Lucas Ferreira, meu incentivador e colaborador que sempre vibra com as minhas vitórias, com seu amor e dedicação me impulsionou nos momentos mais conturbados dessa trajetória

A mulher que durante mais da metade da história da humanidade não teve voz, não foi representada ou respeitada, mas hoje vem se transformando, se empoderando e fazendo com que todos entendam que necessariamente menina e menino não são e nem devem ser identificados por aquele que manda e aquela que obedece, ou que aquele deve vestir azul e aquela que deve vestir rosa.

(Grifo nosso)

## RESUMO

A estrutura de organização do trabalho pretende apresentar o papel da mulher desde o Brasil Colônia até os dias atuais dando ênfase na área da educação. Também uma pequena referência ao pensamento de alguns estudiosos como Ribeiro (1997), Freire (1977), Louro (1997), sobre o papel da mulher em diversos segmentos da sociedade. Entre outros assuntos será abordada a imposição do machismo ao longo da história, que ainda permanece marcada pelos resquícios de uma sociedade preconceituosa e opressora, negando a mulher a possibilidade de realização pessoal. Apresenta também o papel da mulher negra que na profissão de professora, enfrenta dificuldades relacionadas ao racismo da sociedade atual. Para enriquecimento do trabalho será apresentado o resultado de entrevistas com mulheres negras que souberam enfrentar os desafios a cada uma impostas para que alcançassem a realização profissional e pessoal.

**Palavras chaves:** Mulher. Preconceito. Machismo. Educação. Racismo.

## SUMÁRIO

RESUMO	
INTRODUÇÃO .....	09
1 REFERENCIAL TEÓRICO .....	11
1.1 A Mulher e sua trajetória: primeiras palavras .....	11
1.2 O forte cunho machista que se perpetua até os dias atuais .....	14
1.3 A educação no caminho da mulher .....	17
1.3.1 Da “tia” a professora, um desafio que ainda precisa ser vencido.....	20
1.4 O machismo na docência .....	23
1.5 Mulher, professora e negra .....	25
2 METODOLOGIA .....	29
2.1 Estratégias .....	29
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	30
3.1 Entrevista 1 .....	30
3.2 Entrevista 2 .....	33
3.3 Entrevista 3 .....	35
3.4 Entrevista 4 .....	38
3.5 Entrevista 5 .....	40
3.6 Análises dos dados: entre a teoria e a prática .....	43
CONCLUSÃO .....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	49
ANEXOS .....	51

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a trajetória da mulher na educação ao longo da história e os desafios que vem enfrentando para sua valorização. O mesmo utiliza-se de textos que procuram evidenciar essa trajetória em diferentes tempos na sociedade, o trabalho e as transformações que foram necessárias para que começasse a ser tratada sob um novo olhar através da educação.

Abordar as características da mulher no Brasil colônia e suas funções destacando a superioridade da sociedade machista, e a restrição da educação para a mulher, Professora versus tia o papel da afetividade na Educação Infantil, e a ideia das profissões femininas como a faculdade de Pedagogia para mulheres, e quando a mulher é negra e professora, os desafios são ainda maiores. Atualmente com a conciliação da jornada dupla de trabalho e família, a mulher ainda luta em busca espaços ainda não conquistados.

Perante essas questões surge o seguinte problema: apesar de o debate em torno deste tema ser crescente, porque ainda hoje a mulher sofre o preconceito, o racismo e a desvalorização profissional, precisando encarar problemas como as desigualdades, a violência e a pouca representatividade em diversos setores sociais?

Como evidenciado na pesquisa, a presença feminina atualmente é marcante em todos os níveis de formação educacional, mas nem sempre foi assim. As mulheres ingressaram na escola tardiamente e com formação voltada para os cuidados com o lar e a família. Ainda hoje não há dúvidas quanto à necessidade de combater o preconceito contra a mulher e a urgência na mudança de comportamento e de atitudes da sociedade, muito evoluiu, mas a desigualdade permanece favorecendo o sexo masculino, esses conceitos são trabalhados na construção social do indivíduo, isso que vai determinar futuras ações machistas.

Para fundamentar a pesquisa foram trabalhados autores como Ribeiro (1997), Freire (1977), Louro (1997), entre outros.

Para contribuir com o trabalho foi utilizado o método exploratório-qualitativo, entrevistas com mulheres/professoras/negras familiarizadas com o assunto proposto neste estudo, que contaram um pouco de sua trajetória de vida repleta de desafios, e como conseguiram romper com a barreira do preconceito, e ainda seguem na luta

em busca de igualdade encorajando outras mulheres a buscar pelo reconhecimento e direitos iguais.

O trabalho aqui realizado justifica-se pela necessidade de se ler e refletir sobre o assunto proposto, não somente para conhecimento dessa trajetória de exclusão e culpa que recaem sobre as mulheres, mas para um combate mais efetivo sobre as consequências dessa exclusão.

Mesmo que as mulheres tenham conseguido vencer relevantes desafios como, por exemplo, o voto, o divórcio e proteção legal, muitas demandas continuam em aberto, sendo aqui destacado o processo educacional.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 A Mulher e sua trajetória: primeiras palavras

Durante um longo período da história, a mulher foi remetida a subordinação e a dependência dos pais e/ou marido.

O sistema patriarcal brasileiro e a igreja católica exerciam forte influência e domínio sobre o comportamento feminino, à mulher era negado todo e qualquer direito, inclusive o de participar da vida em sociedade com a justificativa de que o homem era superior e seu dever era obedecê-lo; tratada praticamente como escrava e aos olhos da sociedade, sem importância alguma.

No período colonial a história era centrada na figura do homem, e isso se deu por longo tempo, estabelecendo regras ao comportamento feminino, que deveria ser de submissão e obediência. As mulheres não tinham espaço para expressar e participar de algum lazer, senão nas festividades relacionadas à igreja católica; geralmente frequentava as missas, onde ouvia sobre as regras de comportamento que deveriam adotar na vida cotidiana. O controle dos homens sobre elas atingia todos os campos de sua vida. Na infância eram submetidas à autoridade do pai e irmãos, após o casamento passava a ser propriedade do marido, onde a sua principal atribuição seria de gerar filhos e cuidar do lar.

Um exemplo relatado por Del Priori (2003), é que, em um processo paulista de divórcio, em 1756, por exemplo, o juiz aconselha ao marido: “fazendo a mulher o dever de amar e respeitar ao marido, é permitido a este reger e aconselhar sua mulher, e ainda castigá-la moderadamente, se merecer” (DEL PRIORI, 2003, p.24). Se o castigo não for humano, ministrado pelo marido, será divino. Elas não tinham autonomia nem sobre o próprio corpo, muito menos direito perante a sociedade; o seu dever era servir, obedecer e aceitar toda e qualquer exigência do marido.

A igreja teve um papel fundamental na restrição à sexualidade das mulheres que eram vigiadas e constantemente instruídas conforme os preceitos religiosos impostos, deveriam ser recatadas e do lar, e isto era uma regra.

O Brasil Colônia compreende o período de 1500 a 1822; com início da colonização, as mulheres de duas etnias<sup>1</sup> possuíam funções diferentes de acordo

---

<sup>1</sup>**Etnia** significa grupo que é culturalmente homogêneo. Do grego ethnos, povo que tem o mesmo ethos, costume, e tem também a mesma origem, cultura, língua, religião, etc.

com a sua hierarquia social, mas todas permanecendo em segundo plano comparado ao homem, tanto econômica como socialmente, estiveram sempre à margem.

Segundo Freyre (1977):

No regime patriarcal, o homem tendia a transformar a mulher num ser diferente dele, criando jargões do tipo “sexo forte” e “sexo frágil”. No Brasil, a diferenciação aparecia em todas as esferas, desde o modo de se trajarem até, nos tipos que se estabeleciam. A sociedade patriarcal agrária extremava essa diferenciação, criando um padrão duplo de moralidade, no qual o homem era livre e a mulher, um instrumento de satisfação sexual. (FREYRE, 1977, p. 93).

Toda essa filosofia que usavam era somente com intuito de reforçar a inferioridade feminina demonstrando cada vez mais o poder que exerciam sobre elas, com isso justificando que a elas tudo era permitido.

As mulheres casavam muito cedo, passando a ser propriedade do marido, raramente saíam às ruas. Esse ideal duplo de moralidade permitia também ao homem desfrutar do convívio social, enquanto a mulher cuidava da casa e dedicava-se aos filhos.

A única instrução que lhe era permitida era aquela ministrada pela família e a igreja, que no caso, seria a obediência ao pai, ao marido e a religião, a sua ocupação era ligada estritamente aos afazeres domésticos.

Ainda no Brasil Colônia eram reforçados os discursos contrários à instrução da mulher e a favor da superioridade do homem.

Segundo Ribeiro (1997),

Originários de uma sociedade patriarcal e machista, a “mulher que sabe muito é mulher atrapalhada, para ser mãe de família, sabia pouco ou sabia nada”. ” e [...] a mulher honrada deve ser sempre calada. Somando isso, ainda ao discurso religioso, pelo qual “a mulher deveria possuir os predicados de Maria, sendo doce, pura e casta”. (RIBEIRO, 1997, p. 2).

Percebe-se que a mulher quase não teve acesso à escolarização no período colonial, a não ser a preparação para cuidar dos afazeres domésticos; a educação formal era considerada desnecessária. Àquelas que não se casavam, restava à vida religiosa em conventos. A leitura e escrita deveriam ser as mínimas possíveis, isso dependendo da rigurosidade do pai, que em muitas vezes, não permitia que as filhas

aprendessem a ler e escrever. Até mesmo as mulheres que viviam na Corte possuíam pouca leitura, apenas ao livro de rezas. A educação era ministrada somente aos homens.

Conforme Ribeiro (2000, p. 81), “a ausência da educação feminina pode ser explicada pela exclusão da mulher do processo educativo pelo menos até o final do século XVII, quase dois séculos de diferença em relação aos homens”. Para os homens, as mulheres não tinham o direito e nem a capacidade de ser um ser pensante, seu papel era somente acatar ordens e cumprir obrigações.

Nota-se também que até o discurso médico na época reforçava para a submissão e subordinação feminina.

O sistema nervoso (da mulher), muito mais delicado é envolvido por um tecido celular mais úmido e frouxo... é assim que vemos, a doçura, a indulgência e a submissão, serem as virtudes essenciais deste belo e primoroso filho de Deus: sempre e sempre a intenção do Criador se revelando na organização, nos instintos, pensamentos e sentimento da mulher. (DIÁRIO DE CAMPINAS, 30/11/1875 APUD RIBEIRO, 2006, p. 58).

Todo esse discurso com fundamentação e afirmações de caráter religioso, histórico-filosófico e clínico em torno da subordinação feminina, contribuía para construção de ideias de inferioridade biológica e intelectual, reforçando a diferença entre homem e mulher.

Nesse contexto, pode ser observado que foram negados muitos direitos às mulheres, como a educação, a liberdade básica de todos os indivíduos, respeito com a liberdade de pensamento, direitos políticos, civis e sociais.

Scott (1989) menciona que

A trajetória das mulheres apresenta a permanente quebra de tabus, que as podavam do exercício do poder de expressão, fugindo das amarras que as confinavam no cerco fechado das perspectivas de cuidados meramente familiares: cuidar de casa, dos filhos, procriarem etc. A forma com que as mulheres eram educadas passava de geração a geração ao longo dos tempos. Contudo, também com o passar dos tempos, as mudanças foram surgindo. (SCOTT 1989, p. 78)

Hoje em dia a mulher é vista com um olhar diferente pela sociedade, ela luta por mais espaço e por igualdade de direitos. A mulher brasileira almeja um alto grau de escolaridade, busca ter um bom emprego e o reconhecimento de seu fundamental papel social.

Além do ser mãe e dona de casa, tem assumido várias outras funções na sociedade, antes exercidos apenas e tão somente pelos homens. Na política, por exemplo, começam a se destacar, ocupando cargos importantes, o que antes não acontecia. Muitas vezes eram inferiorizadas, não tinham direito de expor suas opiniões e muito menos posicionar-se na esfera política.

Mesmo com toda transformação social ao longo do tempo, infelizmente ainda hoje vemos uma sociedade machista, é visível o preconceito com as mulheres, principalmente no mercado de trabalho, um legado que deveria ser extinto permanece nos dias atuais. Ressalta-se, porém que hoje a mulher luta a favor da sua liberdade sexual e contra o machismo, que ainda continua deixando marcas.

## **1.2 O forte cunho machista que se perpetua até os dias atuais**

Há séculos as mulheres vêm enfrentando todos os tipos de discriminação; a história delas é marcada por muita luta, manifestações e movimentos sociais, demonstrando para sociedade que têm total capacidade para exercer direitos iguais aos dos homens.

Comparando a situação da mulher nos dias atuais àquela de meados dos séculos XVII e XIX, elas tiveram conquistas alcançadas, apesar de ainda terem um longo caminho para se chegar ao ideal.

Quando se fala sobre direito de igualdade, Cunha Júnior, (2008) destaca que:

O direito à igualdade é o direito que todos têm de ser tratados igualmente na medida em que se igualem e desigualmente na medida em que se desigualem, quer perante a ordem jurídica (igualdade formal), quer perante as oportunidades de acesso ao bem da vida (igualdade material), pois todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. A exigência de igualdade decorre do princípio constitucional da igualdade, que é um postulado básico de democracia, pois significa que todos merecem as mesmas oportunidades, sendo defeso qualquer tipo de privilégio e perseguição. O princípio em tê-la interdita tratamento desigual às pessoas iguais e tratamento igual às pessoas desiguais. (JUNIOR, 2008, p.640)

Apesar de que muitos ainda pensam que não há mais porque lutar, que as mulheres já conquistaram seu espaço e seus direitos na sociedade, a realidade se revela bem diferente. Os desafios continuam surgindo de maneira expressiva no contexto atual. Um dos mais fortes ainda é o machismo presente e opressivo,

mesmo que camuflado.

Frequentemente esbarra-se com atitudes machistas, que se manifestam em todos os níveis sociais; em muitos casos passam despercebidos por causa da frequência em que acontecem, acaba por tornarem-se comuns. A mulher é uma das maiores vítimas da violência, que, muitas vezes, está dentro de sua casa.

Dessa forma, sobre o Brasil, Eluf (2007), chama a atenção:

As mulheres brasileiras ainda não podem dormir tranquilas, porque resquícios de opressão ainda persistem, mas nada do que foi feito até hoje resultou em vão. Houve grandes progressos, não apenas em relação à impunidade de assassinos de mulheres, mas também quanto à impunidade de criminosos em geral. (ELUF 2007, p. 231)

Essas manifestações de machismo e preconceito são corriqueiras cercadas por sutilezas, mas em algumas ocasiões escancaradas e violentas aos olhos de quem quiser ver.

Atualmente não é raro encontrar mulheres ameaçadas, humilhadas, até mesmo mortas, cada vez mais fragilizadas pelo homem. Infelizmente ainda há quem justifique essas atitudes pelo histórico opressor vivido pelos homens no passado, alegando que o machismo é da natureza do homem, pois já está enraizado na cultura da sociedade masculina.

No ano de 2006, as mulheres tiveram um ganho importante a seu favor, foi decretada a Lei nº 11340, denominada Lei Maria da Penha, criada para impedir e punir violência doméstica contra as mulheres. Essa lei tem ajudado muitas vítimas, contudo, a violência vem crescendo, ou seja, a lei está em vigor, mas ainda é falha. A mulher quando procura proteção, em alguns casos, pode acabar se tornando vítima de órgãos representantes do Estado; nesses casos não adianta fugir dos braços do agressor e se deparar com um sistema totalmente despreparado, omissos e, por vezes, opressor também.

A mulher a cada dia vem se aproximando e tornando-se mais ativa perante a sociedade, deixando de ser apenas donas de casa, construindo e assumindo sua independência.

Mas se engana quem pensa que só homens têm atitudes machistas; várias mulheres ainda compactuam com essas atitudes, dificultando ainda mais quem luta por igualdade de direitos; através de pequenas posturas e falas rotineiras demonstram o preconceito com as próprias mulheres, como que recriminando um

comportamento ou uma roupa, por exemplo, diminuindo outra mulher por ocupar determinado espaço no mercado de trabalho.

O machismo na atualidade vem carregado de aparentes boas intenções; a sociedade precisa tomar consciência de que ainda se agride sim as mulheres.

Aqui alguns exemplos de atitudes machistas vivenciadas no dia a dia: comentários sobre a capacidade que a mulher tem de dirigir, fazer as tarefas domésticas para ser considerada uma boa mulher, vistas como fracas intelectualmente, profissões “tipicamente masculinas”, não ter a mesma remuneração salarial e reconhecimento pessoal que um homem no mesmo nível que o dela.

Mulheres que vivem sob a constante ameaça de não ser apenas assaltada em certas ocasiões de violência e insegurança, mas também estuprada. Frases do tipo “coisa de menino e isso é coisa de menina”, ou tudo que é fraco ser considerado feminino e tudo que é forte ser característica masculina. Quando se é mãe solteira, passa a ser vista como uma potencial destruidora de lares, sendo frequentemente submetida a atos de discriminação, já quando o pai é solteiro, este não carrega o estigma depreciativo que é dado as mulheres.

Esses casos não são fáceis de serem solucionados; a sociedade e a família precisam urgentemente se reeducar e mudar os hábitos que reforçam a propagação do machismo. Muitos machistas não são agressivos, não batem, mas agem disfarçadamente, até com certo carinho e cuidado, repetindo as mesmas posturas que aprenderam na infância; porém fica a ressalva que em toda regra existem exceções.

Da mesma forma que o machismo vem sendo repassado de geração em geração, o combate vem crescendo ao decorrer do tempo, não se pode continuar educando as crianças com estereótipos machistas, nem diminuir a importância da luta das mulheres por igualdade de gênero.

Ainda não é difícil se encontrar uma mulher sofrendo por causa de uma atitude machista e a sociedade acusando-a como se a culpa fosse dela, a vítima. As desconstruções de conceitos machistas devem ser trabalhadas desde o nascimento.

Buscando entender mais sobre a transformação por qual, durante o passar do tempo, foi conquistada pelas próprias mulheres no processo educacional, no próximo sub capítulo, será abordada a questão da mulher na educação.

### 1.3 A educação no caminho da mulher

Como já evidenciado nesta pesquisa, a educação por longo período foi exclusivamente voltada para o sexo masculino. As instruções para as mulheres eram estritamente voltadas para os cuidados com o lar; nas poucas escolas que existiam o ensino era ministrado por religiosos e os alunos eram somente meninos, até então em algumas, as meninas tinham acesso à educação religiosa nos conventos.

O início da inserção da mulher no mercado de trabalho foi impulsionado pelo processo de industrialização no final do século XIX, logo após a abolição do trabalho escravo, em 1888. O surgimento de uma nova forma de mão de obra e com o progresso que se acentuava nas cidades somado as repercussões sociais do capitalismo, a educação passa a ser necessária no processo de modernização da sociedade. Com essas mudanças, a procura por trabalhadores especializados ampliou-se, e com isso a necessidade de se criar novas escolas.

Até a Independência do Brasil não existia uma educação popular, somente depois dela o ensino, pelo menos nos termos da lei, se tornou gratuito e público, inclusive para mulheres.

Isso aconteceu a partir da primeira lei do ensino, datada de 1827, que deu direito à mulher de se capacitar, mas com currículos diferentes dos ministrados aos homens, permitindo o ingresso de meninas na escola primária (BRUSCHINI e AMADO, 1988).

Há princípio se via um grande número de professores do sexo masculino, com tempo as oportunidades chegaram para as mulheres nas escolas; até então o único lugar em que eram aprovadas pela sociedade.

A primeira profissão e participação da mulher na sociedade foi como professora de Educação Infantil, através do magistério considerado como função feminina, e foi através deste que a mulher começou a abrir caminho para o exercício profissional.

Na época o currículo de estudo do masculino era diferente do feminino; as mulheres tinham restrição a algumas matérias. Esse critério garantia aos homens níveis de salários mais elevados, mas também havia um interesse político para participação feminina no magistério.

De acordo com Catani (1997), essa ideia era justificada por que:

Para que a escolarização se democratizasse era preciso que o professor custasse pouco: o homem, que procura ter reconhecido o investimento na formação, tem consciência de seu preço e se vê com direito à autonomia — procura espaços ainda não desvalorizados pelo feminino. Por outro lado, não se podia exortar as professoras a serem ignorantes, mas se podia dizer que o saber não era tudo nem o principal. Exaltar qualidades como abnegação, dedicação, altruísmo e espírito de sacrifício e pagar pouco: não foi por coincidência que este discurso foi dirigido às mulheres. (CATANI 1997, p. 28-29).

Como se pode ver na citação do autor, as mulheres recebiam muito pouco, enquanto que os homens não admitiriam receber menos ou o mesmo que elas, então assumiram o papel de educadora não somente pelo salário que era oferecido, mas também pelo que foi colocado, de que essa profissão era uma suposta vocação, devido às instruções que elas tinham em relação aos cuidados com o lar e criação dos filhos.

Apesar de poder ter uma profissão que antes a elas era inexistente, ainda havia uma série de condições a serem seguidas como uma maneira de impor o poder sobre elas. Isso fica evidente na análise de Catani:

[...] a ênfase do ensino feminino [era] nas boas maneiras, nas técnicas, na aceitação da vigilância, na aparência, na formação moralista. Coisa adequada quando o ensino fundamental se destinava às classes populares, pois o que estava em jogo não era difundir as perigosas luzes do saber, mas disciplinar as condutas e refrear a curiosidade. (CATANI 1997, p. 28):

As condições impostas pela sociedade para que a mulheres pudessem de fato exercer o magistério público, eram exigidas que comprovassem desde o estado civil até as vestimentas, que para a sociedade, melhor dizendo, os homens, era o ideal de decência, e se fosse separada o motivo que gerou a separação para avaliar se a sua conduta não ferisse a ética e os bons costumes.

O magistério até então era o único trabalho considerado digno para as mulheres, pois estava ligado as tarefas que elas exerciam no ambiente doméstico, ressaltando que a condução da educação plena não era atribuída totalmente a elas. Os cargos que exigiam o desempenho de certa liderança e os cargos administrativos continuavam sendo permitidos somente aos homens.

Segundo Almeida (1996), a mulher deveria ser instruída, dessa maneira:

[...] de forma que o lar e o bem-estar do marido e dos filhos fossem beneficiados por essa instrução. [...] Assim as mulheres poderiam e deveriam ser educadas e instruídas, era importante que exercessem uma profissão — o magistério — e colaborassem na formação de diretrizes básicas da escolarização manter-se-iam sob a liderança masculina. ALMEIDA (1996, p. 73).

As mulheres acabavam por se submeter ao controle que a sociedade exercia sobre a sua atuação como professora. Os homens que desenvolviam papéis na área da educação no século XX, conseguiam com maior facilidade cargos elevados no sistema educacional em geral, enquanto as mulheres permaneceram por longo tempo como professora primária.

Muitas mulheres tiveram que lutar enfrentando diversas barreiras para que hoje tenham alcançado, ainda que não totalmente, direitos que antes lhes eram negados, como o preconceito e a diferença salarial; o conceito de “vocação” que a elas foi denominado justificava a desvalorização frente às profissões masculinas; hoje vem sendo combatido.

O processo educacional feminino passou por diversas etapas, desde a sua inexistência até a aceitação nas escolas públicas, as escolas antes eram privadas e somente a elite tinha acesso à educação formal, chegando à profissão docente.

As mulheres foram ingressando em massa nas instituições de ensino e os homens se distanciando das salas de aulas, especialmente as infantis, decidindo por trabalhar com matérias específicas, que para eles gerava mais lucro.

Percebe-se em uma citação de Costa, em artigo da revista “Nova Escola” (1999), que o professor era visto como o cientista, detentor do saber, e a professora como a carinhosa, a “tia” dedicada aos seus alunos e às atividades escolares.

Após as mudanças ocorridas às mulheres permanecem sendo maioria nas salas de aula dos anos iniciais por ainda serem vistas pela sociedade como um ser movido pela emoção ligado à afetividade, perpetuando-se o estereótipo que essa é uma profissão e função feminina.

Vale ressaltar a evolução feminina em busca de reconhecimento perante a sociedade, após uma trajetória de preconceitos, e de submissão hoje já é possível, mesmo que timidamente, perceber o papel da mulher no processo educacional onde estão em número expressivo, em todos os níveis de escolaridade formal.

Há dados comprovando que as mulheres nos dias atuais se qualificam mais dos que os homens, mas ainda são muitas as desigualdades no mercado de

trabalho em geral. Apesar da jornada dupla que exercem como mulher, mãe, professora e esposa, ainda está presente a carência para com o reconhecimento pleno da mulher como profissional.

### **1.3.1 Da “tia” a professora, um desafio que ainda precisa ser vencido.**

Na profissão de professora, as mulheres ainda são maioria em todos os níveis da educação básica; a nossa sociedade identifica o papel de professor ao perfil feminino.

A associação da docência com a maternidade é explicitada na reflexão de Louro (1997), mencionada por Aragão e Kreutz (2012):

[...] se a maternidade é, de fato, o seu destino primordial, o magistério passa a ser representado também como uma forma extensiva da maternidade. Em outras palavras, cada aluno ou aluna deveria ser visto como um filho ou filha espiritual. A docência assim não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. (ARAGÃO E KREUTZ 2012, p. 66)

Esses autores compreendem a profissão de professora como um prolongamento das atividades maternas, passando a ser vista como ocupação fundamentalmente feminina, portanto, a função educativa estava associada à condição da maternidade.

O costume de chamar a professora de tia pode estar ligado a certa passagem histórica de quando as mulheres buscavam independência profissional, recorriam às escolas para cuidarem dos filhos e atribuindo o termo “tia” as professoras como uma aproximação e continuação dos cuidados que as crianças recebiam em casa.

No entanto vale ressaltar que, para ser tia não precisa de nenhuma qualificação ou formação acadêmica, já para ser professora é necessário muito estudo e preparo.

Sobre essa problemática, Paulo Freire traz uma reflexão importante.

{...} A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora

implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. (FREIRE, 1997, p.9).

Muitas professoras que lecionam na Educação Infantil, não veem problemas em serem chamadas de “tia” pelos alunos e de seus pais, até mesmo pela coordenação e gestão da escola. Professoras que são coniventes e aceitam serem chamadas de tia, podem acabar por reproduzir uma desvalorização consigo mesma, e com todos os outros profissionais da educação.

A profissão de professor, especialmente para as mulheres, não começou do dia para a noite, teve toda uma trajetória histórica, por isso a importância de se reconhecer professora compreendendo o quanto foram e são significativos todos os desafios enfrentados na luta para alcançar o papel social de ser professora.

Paulo Freire (1997) indaga sobre:

Quem já viu dez mil “tias” fazendo greve, sacrificando seus sobrinhos, prejudicando-os no seu aprendizado?”. Essa sociedade corrupta e violenta mostra diariamente qual a postura que o professor deve adotar em sala de aula, porque ao concluir os estudos não recebem o diploma de “tia” e sim de professora. (FREIRE, 1997, p.11)

A maioria das famílias pensa que chamar de “tia” ou não chamar tem a ver com ser ou não ser uma boa professora carinhosa e afetiva com os alunos, acreditam que chamar de “tia”, ajuda a resolver outras carências das crianças confundindo, de fato, o papel da escola, ainda que seja de crianças pequenas, com o papel da família. As crianças precisam entender o papel de cada um dentro da escola.

Para Freire (1997, p.9):

Recusar a identificação da figura do professor com a da tia não significa, de modo algum, diminuir ou menosprezar a figura da tia, da mesma forma como aceitar a identificação não traduz nenhuma valorização à lei. Significa, pelo contrário, retirar algo fundamental, o professor: sua responsabilidade profissional de que faz parte a exigência política por sua formação permanente. (FREIRE 1997, p.9)

O uso dessa expressão é um assunto muito discutido, porém ainda permanece em muitas escolas, com as insinuações decorrentes da sua utilização, considerado prejudicial, ou não. O costume de chamar de “tia” as primeiras professoras da criança permanece no meio escolar, e há muitas questões que

podem contribuir nessa transformação da professora em um parente próximo. Segundo Novaes (1995):

Tradicionalmente, nas escolas a professora era vista como 'segunda mãe'. Hoje, virou moda chamá-la de 'tia'. [...] Ora, a professora precisa sentir-se 'em casa'. Assume o papel de 'mãe' ou de 'tia', identificando-se mais como um 'parente postiço' da criança do que como sua mestra. (NOVAES 1995, p. 105-106)

E como muitas professoras e instituições reforçam o uso do termo “tia” para referir-se a ela, e todas as pessoas que desempenham alguma função na comunidade escolar, Freire (1997, p.32), reforça o reconhecimento e importância da sua tarefa de ensinar quando diz: “a prática educativa, pelo contrário, é algo muito sério”. Ou seja, lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos, participamos de sua formação, por isso mesmo podemos correr o risco de ajudá-los ou os prejudicá-los nesta busca.

Não se pode comparar a competência e preparação do professor com um termo considerado simplesmente afetivo. Sendo assim Freire (1997, p.9) afirma que, “aceitar tal identificação, ou seja, da figura da professora com a da “tia”, significa que não é preciso obter uma boa qualificação para realizar a tarefa de ensinar”.

Sobre o termo como se deve dirigir ao professor existem muitas divergências dentro da própria classe educacional, assim como, e principalmente, na sociedade em geral. Muitas mulheres professoras acreditam que serem chamadas de “tia” traz uma proximidade e respeito de alunos para com elas, enquanto outras defendem que a relação de aproximação de professor e aluno é conquistada com respeito de um para com o outro.

Essas questões de como fazer com que a criança entenda o papel da professora devem ser trabalhadas desde os primeiros dias de aula, A relação educadora e educando não deve ser baseada em uma relação de imposição, mas sim, de cooperação, respeito e crescimento. Tratar a professora pelo nome, com devido respeito pela profissão, não a torna menos afetiva e comprometida com papel de ser professora.

Vale ressaltar que pelo fato de a pesquisa estar focada no universo feminino, assim como o termo “tia” ser usado principalmente para nomear as professoras, o professor não foi aqui utilizado.

Um fenômeno interessante se dá quando em relação ao olhar dos alunos nos

diferentes níveis de ensino sobre a docência masculina e a feminina; esse assunto será tratado a seguir.

#### **1.4 O machismo na docência**

Do início da história da educação no Brasil até o final do século XIX, a profissão docente era representada apenas pela figura masculina, os homens eram exemplo para as crianças e referência para a formação do caráter, essa profissão era relacionada a um grau de prestígio social e econômico.

Louro (1997, p. 92) aponta que:

O mestre - e o jesuíta é seu exemplo mais perfeito - é cuidadosamente preparado para exercer seu ofício. Ele se torna um 'especialista da infância', ele domina os conhecimentos e as técnicas de ensino, as armas para a conquista das almas infantis e para a sua vigilância, ele sabe graduar seus ensinamentos, estimular a vontade, treinar o caráter e corrigir com brandura – ele é o responsável imediato e mais visível da formação dos indivíduos. (LOURO 1997, p. 92)

Com o passar do tempo e os acontecimentos históricos que envolvem todo o processo educacional os papéis se inverteram; atualmente as mulheres são maioria na função docente, principalmente na Educação Infantil, porém apesar da importância do papel que a professora assume na vida de um indivíduo, a profissão foi se desvalorizando.

Mesmo com as mulheres sendo maioria na Educação Infantil, e na 1ª fase do Ensino Fundamental, para muitos ainda os homens representam a norma que a sociedade deve seguir e os vê como sujeitos aptos a participar das tomadas de decisões que regem a sociedade e, conseqüentemente, o processo educacional não está fora.

O que se tem que deixar claro é que isso é só um reflexo de como a sociedade atribui a mulher o papel pelos cuidados com as crianças; é uma questão cultural que ainda permanece enraizada colocando a Educação Infantil para a mulher, como vocação e não como uma profissão.

Segundo Sayão (2005):

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. (...)

os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (SAYÃO 2005, p.16)

A partir do século XIX, por muitas razões, principalmente pela precariedade nas condições de trabalho, salários baixíssimos dentre tantos outros aspectos, ocorre à predominância da mulher em todos os níveis educacionais, estratificando assim sexualmente a carreira docente (VIANNA, 2002).

Um desses aspectos que envolvem a escassez de homens atuando na área de Educação Infantil, por exemplo, é a questão salarial, apesar de essa etapa ser ocupada em sua maioria por mulheres, em muitos casos os cargos de direção das instituições escolares são ocupados por homens; eles preferem os cargos que lhes ofereçam situações de poder e de controle onde vão possuir prestígio e privilégios.

Nessas situações claramente se observa questões salariais em que homens possuem salários mais elevados que o das mulheres, logo se pode imaginar o processo histórico no qual a mulher conquista o direito de estudar e trabalhar, mas o homem como o provedor da família não poderia receber um salário menor, enquanto o da mulher era considerado apenas como um complemento para renda familiar.

À medida que as etapas de ensino vão aumentando a quantidade de homens também vai crescendo e passando então a lecionar. Nessa etapa a associação da docência como função exclusivamente feminina diminui, e os salários se elevam, ainda que sempre em menos valor do que o do homem. Estes ainda continuam a ter preferência em atuar com matérias específicas para ganhar mais. Nos primeiros anos da Educação Infantil por ter salários mais baixos, reforça-se a ideia que essa profissão, para o público infantil, não serve para homens, segundo eles não é tão compensatória.

Falando de gênero na educação cabe uma discussão repleta de pontos e contrapontos, fica o questionamento sobre qual seria a melhor maneira para se trabalhar na escola tal assunto.

Louro diz o seguinte:

Ora, respondem imediatamente alguns/as, a escola é feminina, porque é, primordialmente um lugar de atuação de mulheres-elas organizam e ocupam o espaço, elas são as professoras; a atividade escolar é marcada pelo cuidado pela vigilância e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas. Ao contrário, dizem outras/os, a escola é masculina, pois ali se lida, fundamentalmente, com o

conhecimento e esse foi historicamente produzido pelos homens. (LOURO 2012.p.92).

Percebe-se que há muitas divergências sobre o verdadeiro papel do homem e da mulher na educação/escola, e a sociedade determina qual a função de cada um ditando normas fazendo essa divisão de papéis.

Esse modelo historicamente construído e impregnado na sociedade, ainda precisa percorrer um longo caminho para que essas atitudes machistas e preconceituosas de que o homem e a mulher devem ocupar papéis específicos na sociedade precisa acabar de vez.

Após perceber toda trajetória e as situações que impedem o crescimento da atuação de homens como docente nos anos iniciais da educação formal está de fato impregnada de preconceito, assim como a desvalorização da profissão quando realizada por mulheres, especialmente nas questões salariais, mas também quanto ao reconhecimento. De nada adianta o ambiente escolar ser dominado pelo sexo feminino, e ao mesmo tempo ser diminuído pelas diferenças e pelo preconceito sendo bombardeado por injustiças sociais.

Encerrando esta reflexão sobre a mulher na educação e sua desvalorização social, não se pode deixar de apresentar o contexto carregado de preconceito e racismo quando a docência diz respeito a professora negra.

### **1.5 Mulher, professora e negra**

Durante toda sua trajetória, a mulher negra teve sua vida pautada em servir sem qualquer perspectiva de mudança, pois como era escravizada não tinha direito algum sobre sua vida.

Atualmente, apesar de todas as mudanças que ocorreram, ainda permanece no imaginário e nas atitudes de muitas pessoas qual deve ser o lugar a ser ocupado pela mulher negra na sociedade.

Cavalcanti (1998), afirma que as representações sociais são, ao mesmo tempo, conceitos e percepções produzidos e reproduzidos coletivamente. Como uma espécie de fuga da representação social destinada a si, as mulheres negras que escolhem o magistério como profissão conseguem romper com uma história de exclusão.

A mulher professora e negra ainda permanece tentando encontrar seu lugar

de reconhecimento e respeito dentro das instituições escolares. O fato que há desigualdades raciais em todos os setores da vida humana, e na escola não é diferente, muito pelo contrário é um ambiente onde o racismo e o preconceito ainda se manifestam fortemente.

O racismo no interior das escolas se inicia desde muito cedo, nos anos iniciais, e em se tratando da mulher professora e negra, esse processo perdura-se em todos os níveis da instituição, pois a questão étnica-racial é um problema vivenciado dentro das instituições escolares promovendo situações em desfavor da mulher negra, duvidando da sua capacidade e sustentando a imagem de inferioridade. A cor da pele é determinante para que a pessoa possa ser discriminada e diminuída no ambiente de trabalho, onde sua capacidade intelectual e competência são colocadas à prova a todo o momento.

Depois de passado tanto tempo do escravismo, é ainda muito comum nos dias de hoje a figura da mulher negra ser vista como doméstica, não exercendo uma atividade intelectual; a tendência é relacionar sua imagem como uma funcionária de limpeza ou cozinheira da instituição escolar. É dessa maneira que muitas pessoas quando chegam à escola estranham uma professora negra ocupando um espaço que no imaginário brasileiro, não é de negro, legitimando o conceito de inferioridade a desqualificando no desempenho da sua função.

A professora negra é sujeita ao preconceito pelos próprios colegas de profissão, pelos alunos e até mesmo pelos pais dos estudantes. “A baixa expectativa diante da capacidade intelectual do negro, é tão marcante no pensamento brasileiro que como destaca na obra de Nina Rodrigues, ainda se faz presente na escola”. GOMES (1995, p.165).

Santos, sobre o tema destaca que:

(...) os interesses cristalizados produziram convicções escravocratas arraigadas e mantêm estereótipos que ultrapassam os limites do simbólico e têm incidência sobre os demais aspectos das relações sociais. Por isso, talvez ironicamente, a ascensão, por menor que seja, dos negros na escala social sempre deu lugar a expressões veladas ou ostensivas de ressentimentos (paradoxalmente, contra as vítimas) (SANTOS, 2002, p. 157).

Mesmo com a oportunidade de ocupar um cargo de prestígio na sociedade a pessoa de pele negra representa uma quantidade inferior ao restante da população, e não possuem uma boa aceitação na atividade que exercem.

## Segundo Carneiro:

(...) a mulher negra é quem mais sofre no mercado de trabalho. A taxa de desemprego no grupo é maior, e elas ficam mais tempo desocupadas. “Quando conseguem entrar no mercado de trabalho, ocupam as posições mais desvalorizadas e ganham os piores salários” (CARNEIRO, 2004, p.77).

Essas mulheres recorrem à profissão de professora atuando nos primeiros anos do Ensino Fundamental, onde são mal remuneradas e não são valorizadas como profissionais. Não é muito comum ter professora negra nos níveis de educação mais elevados com ensino superior ou ocupando outros cargos dentro das instituições de ensino, há exceções, mas mesmo assim a diferença é extremamente grande.

No entanto, como salienta Gomes (2019), as mulheres negras quando se tornam professoras “saem dos seus lugares”, aqueles predestinados pelo pensamento sexista<sup>2</sup> e racista e das condições socioeconômicas da maioria da população negra no Brasil como a casa dos patrões, no cargo de doméstica, para ocupar o cargo de professora que, ainda que seja questionado, é visto como possuidora de status social, pois tem o saber como elemento primordial.

A autora afirma que a escolha da mulher pelo magistério representa um avanço na história de exclusão na qual ela foi estabelecida. Mesmo ocupando a posição que exige muito estudo e saber, muitas professoras negras não defendem a posição que elas ocupam frente a sociedade.

Gomes (2004) afirma que a identidade racial:

(...) é um processo complexo que, assim como outros processos identitários, se constrói gradativamente, envolvendo desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, até a socialização nos outros tempos/espacos sociais. Dentro do vasto campo da construção de identidades, pensar a peculiaridade da identidade racial é refletir sobre um processo que não é inato e se constrói em determinado contexto histórico, social e cultural (GOMES, 2004, p.6).

A questão da identidade racial é pouco evidenciada pela mulher negra, desse modo contribuindo para o enfraquecimento de oportunidades e direitos, optando pelo

---

<sup>2</sup>**Sexismo** é o ato de discriminação e objetificação sexual, é quando se reduz alguém ou um grupo apenas pelo gênero ou orientação sexual. Um dos casos mais comuns de **sexismo** é estipular que a cor rosa está relacionada ao gênero feminino, e o azul ao gênero masculino

silêncio contribuindo com o racismo e o preconceito no qual a elas são acometidos.

O magistério foi o começo para ascensão da mulher na sociedade, mas não a liberdade, pois mesmo que despercebido ou ignorado a mulher negra e professora vivencia a desigualdade cotidianamente no ambiente de trabalho.

A busca pela profissão de educadora garante a mulher um espaço para dedicar com o trabalho na construção e rompimento do racismo e do preconceito para com as mulheres, pois a escola como um lugar de construção de identidade, pelo menos é o que se quer acreditar, é o melhor espaço para discutir sobre a desigualdade que a sociedade tem construído ao longo da história.

Ser mulher negra e professora, na sociedade brasileira, representa, além de uma inserção profissional, a conquista de um espaço público antes ocupado por homens e mulheres brancas da classe média. Representa também o rompimento com o estereótipo de incapacidade intelectual criado sobre o negro que ainda hoje opera de maneira muito forte nas relações sociais do país (GOMES, 1995).

Enfim, a questão é que o que foi aqui apresentado se encontra tão arraigado na cultura brasileira que constantemente se encontra o risco de se acreditar que isso de fato é real.

## 2 METODOLOGIA

A metodologia que aqui se pretende trabalhar é a exploratória/qualitativa, uma vez que poderá dar suporte a construção do referencial teórico desenvolvido.

Tal metodologia permite maior flexibilidade, dispensando maiores detalhes, como em um questionário ou mesmo em amostragens mais complexas. O que a pesquisadora deseja é levantar informações para auxiliá-la em suas conclusões, ajudando ao leitor a um melhor entendimento.

Sobre a utilização do método qualitativo na pesquisa de campo, cumpriu uma de suas características reunindo em determinado local um grupo de professoras para falar sobre tópicos nos quais se enquadram relativos ao material construído teoricamente, procurando qualificar as informações com essas pessoas e suas experiências e que são familiares a temática proposta.

### 2.1 Estratégias

Serão utilizadas entrevistas com mulheres/professoras/negras familiarizadas com o assunto proposto neste estudo, que contaram um pouco de sua trajetória repleta de desafios.

A pesquisadora não quis colocar regras sobre as quais deveriam ficar atadas, uma vez que o método exploratório não coloca esse fator como obrigatório. Ela, pesquisadora, estava segura sobre os objetivos que desejava alcançar, então buscou um clima receptivo e aberto para colher às informações que as entrevistadas puderam e quiseram dar.

### 3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Abaixo serão apresentadas as entrevistas realizadas. Vale destacar que por temer ser ocultada alguma informação valiosa caso fosse apresentada uma tabela ou um resumo, foi escolhido transcrever cada uma das falas das professoras. Destaca-se também que nenhuma delas se importou de serem fotografadas ou identificadas, pelo contrário, fizeram questão de serem nomeadas.

#### 3.1 Entrevista 1: Pedagoga/acadêmica do curso de Direito

**Data:** 23/09/2019

##### 1- Conte um pouco como foi sua infância? Hoje como é sua vida?

**Resp:** Minha infância foi difícil, pois era pobre meu pai garimpeiro, minha mãe lavadeira. O garimpo depois de certo tempo parou de dar lucro e nós passávamos muita dificuldade, minha mãe ajudava meu pai no sustento da família, ele largou o garimpo e passou a ser pedreiro, apesar de ser uma infância pobre fui muito feliz. Hoje apesar das dificuldades, me sinto realizada e orgulhosa da minha trajetória.

##### 2- E na escola como foi?

**Resp:** Sempre, desde pequena tive muita vontade de estudar e trabalhar para mudar de vida, nunca levei o estudo na brincadeira, pelo contrário, sempre muito a sério. Tive sempre o pensamento de trabalhar e ajudar minha mãe a comprar as coisas que eu gostava. Também tive dificuldade por ser negra a professora me tratava diferente dos demais, mas eu sempre fui decidida e não deixei me abater, repito que não foi fácil minha mãe comprava os materiais escolares com muita dificuldade os mais simples que existiam na época, mas tudo com muito amor e cuidado, apesar das dificuldades foi muito bom.

##### 3- Se sentiu vítima de preconceito por ser mulher?

**Resp:** Sim, questão de emprego, como sempre quis trabalhar para ajudar no sustento da casa o emprego para mulher e negra dificultou mais ainda, o que sobrava era emprego de doméstica e pouca remuneração.

##### 4- Alguma vez foi vítima do machismo? Fale um pouco

**Resp:** Não que me lembre.

**5- Quando aconteceu seu primeiro trabalho? Fale um pouco sobre ele e se trouxe alguma satisfação pra você?**

**Resp:** Com 12 anos comecei a trabalhar com artesanato em uma fábrica de terço, eu ganhava bem comprava as coisas que eu gostava. Eu com 12 anos ganhando 90 reais era dinheiro demais para uma criança, estudava de manhã e na parte da tarde amarrava os terços. Foi muito gratificante, pois sempre tive essa vontade de trabalhar.

**6- Quando os caminhos da universidade se abriram para você?**

**Resp:** Eu demorei a concluir o Ensino Médio, engravidei e ficou difícil de terminar. Eu parei no 2º ano, depois comecei na EJA, conclui em 2009, demorei a iniciar na universidade; trabalhava na casa de uma pessoa que uma vez me questionou se eu iria trabalhar lá o resto da vida, eu disse que não, que eu iria fazer uma faculdade senti no momento não acreditou. Isso me motivou, decidi fazer o vestibular e passei, e daí as coisas voltaram a ficar difíceis, pois essa pessoa começou a dificultar cada vez mais minha permanência no emprego, mas eu não podia desistir daquele serviço, pois eu precisava.

Em 2013 finalmente entrei na universidade, em 2015 saí desse emprego, depois de um tempo desempregada consegui um contrato trabalhando como professora no estado onde trabalhei um tempo, foi à universidade que me proporcionou essa oportunidade de melhor emprego, tanto que não havia ainda concluído meu curso de Pedagogia e já trabalhava na área, repito a universidade melhorou minha condição de vida financeira e social.

**7- Em seu tempo de acadêmica foi desvalorizada ou vítima de preconceito? Como isso aconteceu?**

**Resp:** Dentro da universidade nunca, mas fora dela sim, como essa que citei sobre a pessoa para quem eu trabalhava que achava que por eu ser doméstica e negra não teria condições de adentrar no ensino superior e isso eu acredito que foi preconceito.

**8- Quando a educação formal surgiu como possibilidade profissional para você?**

**Resp:** Antes mesmo de concluir meu curso superior eu já havia conseguido atuar como professora substituta e a partir daí as oportunidades foram surgindo e

melhorando as minhas condições de vida.

**9- Continua realizando o mesmo trabalho que começou na educação? Por quê?**

**Resp:** Não, eu sou concursada como merendeira e hoje estou em desvio de função como profissional de apoio.

**10- Você se sente mais forte como mulher, negra e professora atualmente? como e graças a quem?**

**Resp:** Sim com certeza, graças a minha família que teve um papel importante na minha formação, foi nela que sempre me espelhei e não concluiria sem a ajuda das amigas que conquistei, as professoras Claudia Regina e a professora Rosangela Tavares (Nena) que são pessoas que admiro e me ajudaram, sem desmerecer nenhum outro, mas essas duas foram fundamentais na minha formação, e também graças ao meu filho porque decidi estudar para dar a ele o exemplo uma vez que acredito que sem estudo não chegaremos a lugar nenhum.

**11- Falando um pouco da experiência vivida para chegar até sua realidade atual, o que foi mais positivo?**

**Resp:** Acredito que as dificuldades vividas no dia a dia me impulsionaram a não desistir, eu sinto a necessidade de estar sempre sendo desafiada para não perder a motivação, e os obstáculos e as dificuldades me deram força para chegar aonde cheguei. Hoje tenho muito orgulho de contar que depois de duas tentativas, consegui passar e estou cursando Direito na Universidade estadual de Goiás, aqui em Uruaçu. Para mim, o céu é o limite.

**12- E sobre aquilo que não gostaria de ter vivido a nível profissional?**

**Resp:** Nas experiências de vida que eu tenho, acredito que tudo que passamos conseguimos tirar algo positivo e algo negativo, eu sempre tiro algo positivo, onde posso aprimorar e fazer melhor. Tudo que passei foi aprendizagem.

**13- O que diria hoje para uma acadêmica negra e que deseja ser professora?**

**Resp:** Não desista, vai ser difícil, mas não se conforme, ao contrário, faça dessas dificuldades motivação para buscar sempre fazer o melhor e não se contentar com pouco, busque se aperfeiçoar cada vez mais.

**14- Diria o mesmo se ela fosse branca?**

**Resp:** Sim também diria o mesmo, somos responsáveis por nossas escolhas e tanto para uma branca como para uma negra sendo mulheres, as dificuldades estão aí será cada uma que vai decidir se quer ir em frente ou desistir.

**15- Acredita que faz parte do grupo das mulheres empoderadas? Por quê?**

**Resp:** Eu acredito que sim, pela trajetória de vida que eu tive e pelos caminhos que percorri para chegar onde eu estou hoje e ainda mais, aonde eu pretendo chegar. Eu me vejo como uma mulher empoderada, na minha família sempre tive exemplos de mulheres fortes e eu não sou diferente.

**3.2 Entrevista 2: Pedagoga****Data:** 23/ 09/2019**1- Conte um pouco como foi sua infância? Hoje como é sua vida?**

**Resp:** Praticamente eu não tive infância era de família muito humilde, morava na roça e meu pai nos levava para ajudar nos trabalhos, somos três irmãos, minha irmã mais velha ajudava capinar e eu e meu irmão ajudávamos com outros trabalhos, posso dizer com orgulho que hoje sou o que sou graças ao que vivi lá atrás.

**2- E na escola como foi?**

**Resp:** Com 7 anos viemos para cidade, minha mãe arrumou uma pessoa para ficar com a gente para que pudéssemos estudar e ela ficava com meu pai para trabalhar na roça. Morávamos eu minha irmã e mais dois vizinhos que também vieram da fazenda para estudar, mas dificuldade não encontrei, pois sempre gostei de estudar

**3- Se sentiu vítima de preconceito por ser mulher?**

**Resp:** Por ser mulher não, mas sim por causa da minha cor de pele e pela situação financeira.

**4- Alguma vez foi vítima do machismo? Fale um pouco**

**Resp:** Não, pois sempre fui muito decidida. Sempre acreditei que pelo fato de ser pobre e negra não me fazia ser boba, nunca deixei que pisassem em mim.

**5- Quando aconteceu seu primeiro trabalho? Fale um pouco sobre ele e se trouxe alguma satisfação pra você?**

**Resp:** Trabalhei de doméstica e não foi bom, pois eu era praticamente uma escrava da casa, a proposta era para que trabalhasse de babá só que chegando lá foi bastante diferente do prometido.

**6- Quando os caminhos da universidade se abriram para você?**

**Resp:** Eu decidi estudar, pois mais tarde tive muito incentivo quando passei a trabalhar na casa de uma professora que insistia para que eu voltasse a estudar, confesso que não tinha vontade alguma até que ela me inscreveu em um concurso municipal. Fiz a prova e passei, comecei a trabalhar em 2010 e no ano de 2012 uma amiga fez minha inscrição para o vestibular. Foi assim, ela sempre me incentivando e eu recuando, mais uma vez passei, foi ela quem fez minha matrícula. Confesso que tive muita dificuldade na universidade em relação as tecnologias e também sobre o tempo para me dedicar ao estudos, foram 4 anos sofridos pois, a rotina de trabalho, universidade e dona de casa, mesmo assim não abri mão, como já disse foi sofrido mas de muita dedicação.

**7- Em seu tempo de acadêmica foi desvalorizada ou vítima de preconceito? como isso aconteceu?**

**Resp:** Fui sim, fui discriminada pois senti que mesmo alguns professores não acreditavam em mim e de um grupo de amigas, houve até uma vez que um deles chegou a falar que se algumas das acadêmicas daquela sala estivessem trabalhando em uma escola seu neto não estudaria lá porque ela não aceitaria, mesmo sem citar nomes sabíamos para quem foi aquela indireta; também por alguns colegas de sala.

**8- Continua realizando o mesmo trabalho que começou na educação? Por quê?**

**Resp:** Sim continuo

**9- Quando a educação formal surgiu como possibilidade profissional para você?**

**Resp:** Eu já trabalhava na área da educação, mas a formal enriqueceu meu currículo, mas afirmo que a universidade e o curso de Pedagogia ajudaram demais meu conhecimento e tenho certeza que me ajudam até hoje.

**10- Você se sente mais forte como mulher, negra e professora atualmente? como e graças a quem?**

**Resp:** Sim com certeza, principalmente graças a mim a minha força de vontade.

**11- Falando um pouco da experiência vivida para chegar até sua realidade atual, o que foi mais positivo?**

**Resp:** Minha determinação, força de vontade e os amigos de verdade que encontrei na Pedagogia, inclusive a professora Rosângela Xavier Tavares (Nena).

**12- E sobre aquilo que não gostaria de ter vivido a nível profissional?**

**Resp:** A desigualdade e o preconceito encontrados em minha área profissional

**13- O que diria hoje para uma acadêmica negra e que deseja ser professora?**

**Resp:** Não deixe ninguém desvalorizar o seu conhecimento e lute pelos seus objetivos

**14- Diria o mesmo se ela fosse branca?**

**Resp:** Não, porque as pessoas de pele clara infelizmente em pleno século XXI ainda tem mais chance de trabalho, mesmo quando possuiu nível de conhecimento menor do que uma pessoa de pele escura.

**15- Acredita que faz parte do grupo das mulheres empoderadas? Por quê?**

**Resp:** Sim, por que tenho determinação e sei onde eu quero e vou chegar.

**3.3 Entrevista 3:Pedagoga**

**Data:** 23/ 09/2019

**1- Conte um pouco como foi sua infância? Hoje como é sua vida?**

**Resp:** Fui criada com minha avó por parte de pai, tive contato com minha mãe eu já estava bem grande, então era difícil, pois meus avós eram muito humildes e eu era privada de algumas coisas básicas.

**2- E na escola como foi?**

**Resp:** Na escola eu tive muita dificuldade, pois como meus avós não tinham estudo, uma prima que era a mais velha ficou encarregada de ajudar os outros menores, e na escola eu era muito agressiva, pois sofria bullying constantemente.

**3- Se sentiu vítima de preconceito por ser mulher?**

**Resp:** Pelo fato de ser mulher, não sei dizer se foi por isso, às coisas sempre estiveram tão camufladas, mas acredito que sim, pois o preconceito sempre esteve em todo lugar.

**4- Alguma vez foi vítima do machismo? Fale um pouco**

**Resp:** Sim, mas eu sempre fui muito forte e encarei tudo de frente, não permitia deixar que as coisas acontecessem e ficasse por isso mesmo, eu encarava de igual para igual e sobre o machismo acredito que quase toda mulher e parece que quando se é negra é pior.

**5- Quando aconteceu seu primeiro trabalho? Fale um pouco sobre ele e se trouxe alguma satisfação pra você?**

**Resp:** Desde pequena com meus 8 9 anos cuidava dos filhos do vizinho, mas trabalho que comecei a receber por ele foi a partir dos 11 anos quando passei a ajudar a fazer faxina em casas de vizinhos e conhecidos.

**6- Quando os caminhos da universidade se abriram para você?**

**Resp:** Minha colega me chamou para fazer inscrição para o vestibular, fiz sem vontade e sem acreditar e combinamos de fazer juntas. Na UEG conheci um grupo de mulheres com quem senti afinidade imediata, pois passaram as mesmas dificuldades do que eu, ou seja, por serem mulheres e negras, elas me incentivaram a concluir o curso de Pedagogia, me ajudaram até o fim. Uma amizade que vai ser para sempre.

**7- Em seu tempo de acadêmica foi desvalorizada ou vítima de preconceito? como isso aconteceu?**

**Resp:** Sim, todas nós do mesmo grupo, acredito por sermos todas pretas, pobres mães de família, também como a maioria da turma eram todas jovens, éramos desacreditadas por parte de alunos e alguns professores.

**8- Quando a educação formal surgiu como possibilidade profissional para você?**

**Resp:** Eu era concursada como zeladora, mas sempre que faltava alguém nas salas de aula eu ficava para substituir até que um dia a diretora do CEMEI me chamou para fazer o vestibular, ela foi uma das pessoas que me ajudou e me mostrou que era através da educação que eu teria oportunidade de melhorar de vida e graças,

não canso de dizer que foi graças a essas pessoas que eu pude pensar em fazer outro concurso e a Universidade que me ajudou bastante nesse quesito.

**9- Continua realizando o mesmo trabalho que começou na educação? Por quê?**

**Resp:** Não, antes eu era concursada como zeladora e hoje atuo como monitora.

**10- Você se sente mais forte como mulher, negra e professora atualmente? como e graças a quem?**

**Resp:** Sim, primeiramente a minha força de vontade, depois a pessoas que me ajudaram a cuidar do meu filho e as amigas que surgiram para me incentivar.

**11- Falando um pouco da experiência vivida para chegar até a sua realidade atual, o que foi mais positivo?**

**Resp:** Minha evolução enquanto pessoa e o conhecimento adquirido nessa trajetória.

**12- E sobre aquilo que não gostaria de ter vivido a nível profissional?**

**Resp:** A desvalorização no mercado de trabalho e o fato de dentro das instituições de ensino não sermos reconhecidas pelo trabalho prestado.

**13- O que diria hoje para uma acadêmica negra e que deseja ser professora ?**

**Resp:** Ter força e acima de tudo resistência, pois somos desacreditadas e desmerecidas. É difícil, mas o sabor da vitória e gratificante é claro que vai encontrar obstáculos dentro e fora da Universidade, mas desistir jamais.

**14- Diria o mesmo se ela fosse branca?**

**Resp:** Não, a pessoa branca tem mais privilégios, mesmo que não acreditem que não existe são visíveis às vantagens que ainda tem hoje em dia.

**15- Acredita que faz parte do grupo das mulheres empoderadas?**

**Resp:** Sim, por ser pobre e negra poderia estar sem expectativa de ser alguém na vida, criada com avós, filha de presidiário ninguém colocava fé, então estudei, me formei, fiz concurso e passei me acho sim empoderada, por toda minha história de vida e os obstáculos vencidos.

**3.4 Entrevista 4: Pedagoga****Data:** 26/09/2019**1- Conte um pouco como foi sua infância? Hoje como é sua vida?**

**Resp:** Tive uma infância difícil, venho de uma família de 10 irmãos, meus pais sem escolaridade alguma, tive uma vida dura, graças a Deus hoje me sinto muito bem.

**2- E na escola como foi?**

**Resp:** Sempre gostei de estudar, mas foi difícil. As condições eram precárias, pois faltavam materiais escolares, às vezes íamos para escola sem nos alimentar, mas sempre fui aplicada e não me faltou força de vontade para estudar.

**3- Se sentiu vítima de preconceito por ser mulher?**

**Resp:** Sim, muitas vezes. Na infância fui discriminada por ser negra e muitas vezes por ser mulher, era considerada incapaz de desenvolver algum trabalho mais complexo.

**4- Alguma vez foi vítima do machismo? Fale um pouco**

**Resp:** Sim, tanto físico quanto psicológico, por várias vezes em todas as áreas da sociedade, porque a sociedade é sim machista, mesmo que sem perceber nós sofremos com esse preconceito.

**5- Quando aconteceu seu primeiro trabalho? Fale um pouco sobre ele e se trouxe alguma satisfação pra você?**

**Resp:** Foi de doméstica, eu era muito criança, trabalhei com uma professora aposentada que era uma boa pessoa, pude aprender muito com ela e foi uma experiência boa.

**6- Quando os caminhos da universidade se abriram para você?**

**Resp:** A universidade surgiu para mim como um preconceito, eu já era concursada como zeladora. E a diretora da escola em que eu trabalhava na época usou umas palavras comigo e eu levei para o lado positivo. Ela falou que eu recebia aquele quantitativo no salário porque eu não havia estudado tomei isso como um desafio que me motivou a estudar e mostrar que eu tenho capacidade de fazer melhor do que fazia.

**7- Em seu tempo de acadêmica foi desvalorizada ou vítima de preconceito? como isso aconteceu?**

**Resp:** Não senti dentro da universidade, não vivenciei o preconceito comigo mesma.

**8- Quando a educação formal surgiu como possibilidade profissional para você?**

**Resp:** Foi a partir do momento em que me senti desvalorizada, não foi fácil, pois tive que deixar filhos pequenos um cuidando do outro em casa, mas foi gratificante, pois através da universidade as portas foram se abrindo e trazendo novas oportunidades.

**9- Continua realizando o mesmo trabalho que começou na educação? Por quê?**

**Resp:** Sim, há dez anos eu mesmo concursada como zeladora já atuava como professora.

**10- Você sente mais forte como mulher, negra e professora atualmente? Como e graças a quem?**

**Resp:** Sim, graças ao apoio da minha família e a minha determinação.

**11- Falando um pouco da experiência vivida para chegar até a sua realidade atual, o que foi mais positivo?**

**Resp:** Foi o apoio da minha família e a experiência adquirida no decorrer desse processo.

**12- E sobre aquilo que não gostaria de ter vivido a nível profissional?**

**Resp:** Devido eu não ser concursada como professora atua na área através da minha capacidade, da minha força de vontade e porque gosto, mas ouço muito o que não gostaria de ouvir, “você está mas você não é professora”, na verdade eu sou sim, sou capacitada posso não ser concursada, é isso que não gosto ver pessoas que tentam desvalorizar meu trabalho.

**13- O que diria hoje para uma acadêmica negra e que deseja ser professora?**

**Resp:** Eu diria para não desistir porque os obstáculos e o preconceito vão surgir, para não baixar a cabeça porque nós somos protagonistas da nossa história.

**14- Diria o mesmo se ela fosse branca?**

**Resp:** Sim, diria o mesmo, porque o preconceito existe em todas as áreas, principalmente quando se é mulher.

### **15- Acredita que faz parte do grupo das mulheres empoderadas ?**

**Resp:** Sim, algo que costumo dizer é que antes de amar outra pessoa você tem que se amar primeiro, chegar em frente ao espelho e dizer eu me amo, eu me respeito, eu me valorizo, antes de amar qualquer outra pessoa, isso da muita força para enfrentarmos as batalhas diárias.

### **3.5 Entrevista 5: Pedagoga/Assistente Social**

**Data:** 26/09/2019

#### **1- Conte um pouco como foi sua infância? Hoje como é sua vida?**

**Resp.** Fui criada sempre trabalhando, era caçula do primeiro casamento da minha mãe e não tivemos aquela infância de brincar como se tem hoje que a lei ampara. Íamos para roça ajudar ou ficar em casa cuidando dos irmãos; um momento de diversão que me recordo era de quando íamos para o córrego lavar roupas e enquanto lavava as roupas nós brincávamos, éramos uma família grande de muitos irmãos todos unidos onde os mais novos respeitavam os irmãos mais velhos como se fossem nossos pais, uma infância típica de antigamente.

Para comer nossa mãe colocava para comermos juntos em uma mesma gamela, isso é muito marcado na nossa família, tanto que vamos ter um encontro de família e fazer essa dinâmica da gamela porque que queremos continuar preservando. Hoje se pode pensar que naquela época era sofrido, mas não, hoje vemos o quanto éramos felizes, nossa união e o respeito que temos até hoje.

Atualmente minha vida é bastante corrida muita luta e militância, carrego comigo a responsabilidade de transformar e mudar a vida de nosso povo, desde muito cedo eu tinha espírito de liderança, então hoje não tenho mais vida própria, já não assino mais pelo meu CPF somente pelo que carrego de Domingas Quilombola, minha resistência, minha luta, trabalho em busca de melhorias para levar transformações para as pessoas.

#### **2- E na escola como foi?**

**Resp:** Morávamos muito longe para ir de pé para escola e como trabalhávamos desde muito cedo na época de colheita não frequentávamos a escola, geralmente estudava-se em multisseriados e quase sempre íamos para ajudar a professora, pois ela exercia todas as funções na escola e o estudo mesmo não teve muita oportunidade ficavam em segundo plano, depois de algum tempo meu pai nos

trouxe para Uruaçu e eu terminei ensino médio com muito custo.

### **3- Se sentiu discriminada ou vítima de preconceito por ser mulher?**

**Resp:** Muito, a todo o momento, por ser mulher negra e mulher de luta as pessoas veem a mulher como cozinheira, como doméstica e jamais uma mulher que ocupa um cargo de professora, empresária, entre outras. Sofro e já sofri várias vezes durante a minha história de luta, fui confundida por ser cozinheira e eu entendi que era pelo fato de eu ser negra e não a pessoa que coordenava o projeto que iria participar do evento.

### **4- Alguma vez foi vítima do machismo? Fale um pouco**

**Resp:** Sim e muito, quando se pensa em fazer um determinado trabalho se fala logo no homem, no meu projeto fiz questão de colocar somente mulheres para mostrar que nós somos capazes de fazer muito e ir além do que eles pensam. Faço questão de estar à frente dos meus projetos para lidar com situações que quebram esse preconceito.

### **5- Quando aconteceu seu primeiro trabalho? Fale um pouco sobre ele e se trouxe alguma satisfação para você?**

**Resp:** Sempre trabalhei desde muito pequena, mas meu sonho era ser professora. Ao terminar o curso de Pedagogia, logo no meu estágio recebi o convite para trabalhar como ajudante e em seguida comecei como regente, meu sonho sempre foi esse, mas a minha vida toda foi trabalho.

### **6- Quando os caminhos da causa Quilombola se abriram para você?**

**Resp:** Organizamos um processo de construção em 2003, meus tios já na fazenda faziam organização com movimento negro e em 1995 o movimento começou organizar as comunidades Quilombolas do estado de Goiás. Esse movimento veio para identificar e organizar nossa comunidade que começou com minha prima e meu tio que registraram a comunidade Quilombola do Pombal a qual somos remanescentes.

Aqui em Uruaçu foi com a necessidade de certificar e organizar como comunidade urbana, pois nossos benefícios iam pra o Pombal apesar de sermos os mesmos povos, mas em municípios diferentes. Comecei como secretária do nosso projeto e em 2009 conseguimos o certificado de remanescentes urbanos.

Depois de todo o processo de reconhecimento, em 2011,1 houve mudança de diretoria onde busquei parceria, consegui o espaço para nossa comunidade expor nosso trabalho, e fazer reuniões. Hoje temos cinco instituições Quilombolas em Uruaçu, dois CEMEIS, duas escolas, uma municipal e uma estadual certificadas pelo MEC como escola Quilombola. Enfim, temos muitos avanços e com muitas dificuldades.

**7- Você foi desvalorizada ou vítima de preconceito? Como isso aconteceu?**

**Resp:** Sim, no histórico negro sofremos muito preconceito, temos um grupo de tambores raízes e tradição que muitas pessoas não conhecem e o próprio negro tem vergonha da sua cultura. Certa vez fomos apresentar nosso grupo e as pessoas nos chamaram de macumbeiros sem nem saber o que significa, e no início do nosso grupo alguns integrantes tinham vergonha de se apresentar. Hoje não conseguimos transporte para o quanto de componentes que temos, as pessoas tem preconceito porque não conhecem a diversidade.

**8- Porque escolheu lutar pela causa Quilombola?**

**Resp:** Para ajudar e dar voz ao meu povo, lutar pelas causas sociais as quais acredito, e realizando o sonho ajudando quem eu puder.

**9- Você encara seu trabalho como uma profissão?**

**Resp.** Sim, trabalho muito com o social, com a cultura e resgate da nossa tradição; trabalhamos nas escolas, no turismo e em vários segmentos. Tive que deixar minha profissão de professora para ficar a frente da comunidade Quilombola, pois tenho que viajar bastante em busca de recursos e fazer palestras. Hoje sou presidente da comunidade, coordenadora nacional do movimento no estado e continuo como educadora, mas em outro segmento, não conseguiria trabalhar em outra profissão.

**10- Você recebe alguma remuneração?**

**Resp:** Sou funcionária pública há 12 anos recebo o salário do meu concurso como agente cultural, me pagam diária, sou conselheira do MEC e me convidam para fazer palestra, mas não recebo remuneração pelo meu trabalho da comunidade, tem projetos que recebem para determinado fim, mas não salário para mim e sim recursos para o projeto Quilombola e nossas ações.

**11- Falando agora um pouco da experiência vivida para chegar até a sua realidade atual, o que foi mais positivo?**

**Resp:** O reconhecimento o empoderamento e a satisfação de fazer mudança na vida das pessoas.

**12- E sobre aquilo que não gostaria de ter vivido?**

**Resp:** Momento marcante na minha vida foi a ausência do meu pai, eu muito pequena não entendia, achava que ele havia nos abandonado, mas já na adolescência ele retornou, mesmo assim foi muito triste por nos ter tirado um pedaço da infância por causa do conflito territorial e o desrespeito com o direito das pessoas. Não que isso hoje me traga sofrimento, mas é um fato que me marcou.

**13- O que diria hoje para uma mulher negra que deseja ser respeitada pela sociedade?**

**Resp:** O que sempre digo é amar a si mesma, se empoderar, assumir sua negritude, buscar capacitação, qualificação, procurar seus direitos e se respeitar. Se amar primeiro antes de amar o outro.

**14- Diria o mesmo se ela fosse branca? Por quê?**

**Resp:** Sim, independente de tudo, o preconceito está em todos os lugares apesar de que para elas são melhores as oportunidades em alguns casos. Mas todas são vítimas de preconceito, de machismo e digo a todas “você é capaz sair dessa situação que te diminui”.

**15- Acredita que faz parte do grupo das mulheres empoderadas? Por quê?**

**Resp:** Com certeza, sou empoderada, gosto de ajudar todas as mulheres a se a se sentirem assim, seja ela branca, negra, ou indígena.

### **3.6 Análises dos dados: entre a teoria e a prática**

Depois de realizadas as entrevistas com essas mulheres que tiveram e ainda hoje têm que enfrentar desafios diariamente, não é tão difícil analisar sua trajetória e de outras tantas pelo simples fato de serem mulheres e, especialmente negras.

Os dados apresentados demonstram que é possível dissociar a realidade vivida por mulheres negras, pois de maneira acentuada sentem o impacto do racismo e das desigualdades sociais ao mesmo tempo, a colocando em uma

condição subalterna e essa desigualdade é sentida diariamente no cotidiano feminino.

Particularmente as mulheres entrevistadas nesta pesquisa possuem experiências acumuladas e basearam-se em seu papel enquanto trabalhadoras trazendo uma força de sobrevivência transmitida por gerações carregando um legado de sobrevivência e resistência, provando que toda essa rotulação de inferioridade da mulher pode ser rompida com esforço e persistência.

Essas mulheres sempre tiveram o sofrimento de uma vida repleta de dificuldades em sua bagagem, daí a força para que hoje se fizerem presentes, no mercado de trabalho e nas universidades.

Elas que ao longo de sua história enfrentaram a pobreza e a condição de inferioridade a que foram submetidas construíram sua liberdade, embora que fique claro que continuam lutando contra a discriminação racial, os menores salários, os piores cargos. Apesar de tudo olhando seu passado, afirmaram nas entrevistas que vem a cada dia vencendo desafios, provando sua competência, se inserindo no mercado de trabalho, e marcando seu espaço de maneira expressiva no meio social do qual fazem parte.

Passando pelo início da trajetória de cada uma foram unânimes em suas respostas de como começaram, qual foi seu primeiro emprego, ficando bastante claro de como a sociedade impõe à mulher o papel de dona de casa na melhor das hipóteses, quando não de domésticas e/ou cuidadoras, como salienta Carneiro (2004):

(...) a mulher negra é quem mais sofre no mercado de trabalho. A taxa de desemprego no grupo é maior, e elas ficam mais tempo desocupadas. Quando conseguem entrar no mercado de trabalho, ocupam as posições mais desvalorizadas e ganham os piores salários. (CARNEIRO, 2004, p.77).

A sua inserção no mundo do trabalho é muito mais difícil, lutam contra uma postura que inclui valores pré-estabelecidos, em que o homem e a mulher são vistos com diferenças, brancos e negros, da mesma forma. Geralmente, a mulher negra é sempre colocada em condição inferior aos seus concorrentes em uma vaga de emprego, por exemplo.

Apesar disso, essas mulheres vêm construindo estratégias próprias para superar as dificuldades, possuem uma bagagem histórica parecida, vindas de

famílias humildes e até mesmo sem grandes expectativas de um futuro próspero. Não foram poucas as lutas desde os primeiros anos de escola até quando os caminhos da Universidade se abriram para elas, apesar de tudo isso não pararam, pelo contrário, viram que através da educação teriam oportunidade de mudar o rumo das suas histórias e proporcionar para si e suas famílias melhor qualidade de vida, tanto que assumiram a missão de ser professora para auxiliar na construção de identidades, uma delas é professora e assistente social, trabalha ajudando a resgatar a cultura de seu povo, o Quilombola, lutando por causas sociais dando voz e ajudando a outras mulheres por vezes vítimas de preconceito e todo e qualquer tipo de violência.

Fica evidente que o histórico de vida das entrevistadas se parece com o de milhões de mulheres espalhadas pelo mundo que viveram e ainda vivem sofrendo com a opressão da social, ou o que é pior em seus próprios lares, e que ainda não conseguiram ir a busca da sua liberdade e realização de seus sonhos, talvez por medo, por fragilidade.

As entrevistadas demonstraram muita força de vontade e determinação, todas as vezes que eram desacreditadas em suas capacidades buscavam cada vez mais fazer o melhor e superar as expectativas daqueles que nelas não acreditavam, provando assim para os outros e para elas mesmas que seriam capazes de superar as dificuldades, o preconceito e a desigualdade a elas impostos.

Como, Eluf (2007), chama a atenção no Brasil:

As mulheres brasileiras ainda não podem dormir tranquilas, porque resquícios de opressão ainda persistem, mas nada do que foi feito até hoje resultou em vão. Houve grandes progressos, não apenas em relação à impunidade de assassinos de mulheres, mas também quanto à impunidade de criminosos em geral. (ELUF 2007, p. 231)

Poucas as mulheres conseguem romper com o preconceito, o machismo e a discriminação racial e elevar-se no meio social. A busca das entrevistadas por uma vida melhor aconteceu e acontece em todas as etapas de sua trajetória, vivem em uma luta constante para modificar seu destino.

Nos relatos apresentados percebe-se a dificuldade que a mulher encontra para assumir um papel na sociedade, especialmente quando se é negra. Acabam por carregar em suas experiências que “o negro tem que ser mais que certinho para ser aceito”, então carregam a preocupação em se enquadrar dentro dos padrões

sociais impostos pela sociedade.

Os depoimentos das entrevistadas apresentaram a dificuldade para permanecer na universidade e a decepção ao se deparar com a indiferença de colegas de classe, até mesmo de professores e de pessoas que desacreditavam constantemente de sua capacidade de possuir ou ser algo melhor, mas fizeram questão de ressaltar o quanto foi importante nesse momento o apoio familiar.

Apesar da luta pelo reconhecimento, hoje se dizem realizadas e orgulhosas de suas experiências, para elas cada obstáculo trouxe mais força e determinação para continuar em busca de valorização e de respeito que todo indivíduo merece ter.

Reconhecem-se como mulheres emponderadas, de luta, encorajando outras mulheres a se aceitarem e se tornarem donas de seus próprios destinos, pois assim como cada uma delas não se deixou acomodar pela situação a qual viviam e buscaram meios de vencer com próprio esforço e ainda hoje estão cada vez mais fortes e determinadas, todas as mulheres merecem esse direito.

A trajetória de vida das mulheres que participaram dessa pesquisa, seja na teoria ou na prática com as entrevistadas, observa o poder de transformação em que podemos ser sujeitos ativos da nossa própria história. Essas mulheres demonstraram a força de criar e recriar caminhos e destinos numa sociedade onde o preconceito e o racismo ainda sobrevivem fortemente.

## CONCLUSÃO

A pesquisa aqui apresentada traz a trajetória e os desafios pelos quais a mulher vem passando para marcar o seu papel na sociedade.

A história demonstra que ser mulher era uma desvantagem social e política e ainda hoje são visíveis essas diferenças entre os gêneros; foi preciso muita luta para que a atenção fosse voltada para o universo feminino que tem em sua bagagem o machismo, o preconceito e o racismo, por exemplo, sem falar da violência a que são submetidas diariamente.

Não é difícil concluir que a mulher vem precisando conquistar, passo a passo, pequenas, porém significativas vitórias ao longo dos anos, como o espaço no mercado de trabalho competindo, em relação a competência, de igual para igual com os homens, ressaltando que na questão salarial essa desigualdade não é alcançada de maneira justa. Sim, avanços vêm acontecendo, mais direitos são reconhecidos e atendidos, levando-se em consideração que por anos sofreu com princípios discriminatórios e com o preconceito social.

Vale esclarecer que ainda existe fortemente a diferença em se encarar a posição da mulher na sociedade, talvez de maneira mais sutil, mas está ali presente o olhar inquisidor e diferenciado sobre ela como a culpando das mazelas que a rodeiam. O que anteriormente era menos violento fisicamente, ou seja, hoje cresce o feminicídio, o desrespeito à mulher, não se considerando os avanços que ocorreram durante todos esses anos.

Outro fator lamentavelmente constatado é o preconceito e o racismo nele contido quando se é mulher e negra. A sociedade, na maioria das vezes, enxerga a negritude como sinal de subalternidade e quando relacionada à pobreza então, ganha proporções horríveis, manchando ainda mais a história do Brasil.

Apesar das diferenças ainda existentes, existe o contraditório e ele é positivo, a mulher já percebe que pode, ainda que a custo de sacrifícios, conquistar um lugar determinante nos mais diversos setores da sociedade, sabe que pode marcar sua passagem de maneira competente e forte aonde quiser. Exemplo disso está no resultado das entrevistas com mulheres que são negras, que passaram por inúmeras dificuldades, mas estão enfrentando e vencendo os desafios a elas postos. Sabem que o caminho é árduo para efetiva e justamente a mulher conquistar o seu espaço e reconhecimento, e a mulher e negra tem em seus caminhos dificuldades

ainda maiores, mas não lhes falta esforço e determinação que as motivam diariamente a ir rumo à extinção do preconceito e querem fazer isto através da educação, na formação cidadã de crianças e com seu trabalho de combate ao racismo, transformar indivíduos marcados pelo estigma da negritude em orgulhosos construtores da história de uma raça .

Pode-se concluir que muitas coisas em nossa sociedade precisam ser transformadas, mas, antes de tudo, é fundamental que se mude o entendimento nas relações de superioridade e inferioridade entre mulheres e homens. Somente tais mudanças conduzirão à igualdade e à autonomia feminina se tornará menos sofrida, no qual o resultado será a transformação social, e a construção de um mundo mais justo.

Finalizando vale destacar que a mulher que durante mais da metade da história da humanidade não teve voz, não foi representada ou respeitada, hoje vem se transformando, se empoderando e fazendo com que todos entendam que necessariamente menina e menino não são e nem devem ser identificados por aquele que manda e aquela que obedece, ou que aquele deve vestir azul e aquela que deve vestir rosa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, J. S. de. **Mulheres na escola**: Algumas reflexões sobre o magistério feminino. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 96, p. 71-78, fev.1996.

BRUSCHINI, C.; AMADO, T. **Estudos sobre mulher e educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 64, p. 4-13, fev., 1988.

CARNEIRO, Sueli. Raça, Gênero e ações afirmativas. In: BERNARDINO, Joaze; GALDINO, Daniela (Orgs.). **Levando a raça a sério**: Ação afirmativa e universidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

\_\_\_\_\_ (org.). **Levando a raça a sério: Ação afirmativa e universidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

CATANI, D. et al. História, Memória e Autobiografia da Pesquisa Educacional e na Formação. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O conhecimento geográfico através de representações sociais de determinados conceitos elementares. In: \_\_\_\_\_. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas-SP: Papyrus, 1998.

COSTA, M. V. O magistério e a política cultural de representação e identidade. In: BICUDO, M. A.; SILVA JÚNIOR, C. (Orgs.). **Formação do Educador e Avaliação Educacional**. v. 3, São Paulo: UNESP, 1999. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/neccso/frame10.html> Acesso em: 18 abril. 2019.

CUNHA JÚNIOR, Dirley da. **Direito constitucional**. São Paulo, Jus Podvim, 2008.

ELUF, Luiza Nagib. **A paixão no banco dos réus**: casos passionais célebres: de Pontes Visgueiro a Pimenta Neves. São Paulo: Saraiva, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 5. ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1977.

\_\_\_\_\_ A mulher e o homem. In: FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro/Brasília: J. Olympio, INL, 1977.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não** - cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D' Água, 1997.

\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D' Água, 1997.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mulheres negras e Educação:** Trajetórias de vida, Histórias de luta. Disponível em: [www.desafio.ufba](http://www.desafio.ufba). (Acessado em: 03 de junho/2019).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e Magistério: Identidade, História e Representação.** In: CATANI, Denice Bárbara (Org.). **Docência, Memória e Gênero.** São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gênero, Sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NOVAES, Maria Eliana. **Professora Primária:** mestra ou tia. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

PRIORE, Mary Del. **Mulheres no Brasil colonial.** São Paulo: Contexto, 2003.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **A educação das mulheres na colônia.** In *A Educação da Mulher no Brasil-Colônia* São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mulheres educadas na colônia.** In: 500 anos de Educação no Brasil. BeloHorizonte: autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Educação Feminina durante o Século XIX: O Colégio Florence deCampinas 1863-1889.** Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 2006.

SAYÃO, Thomé Débora. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação infantil:** um estudo de professores em creches. Tese de (Doutorado) universidade federal de santa Catarina, centro de ciências da educação. Florianópolis: 2005.

SANTOS, Milton. **As cidadanias mutiladas.** In: GERNER, Júlio (org.). **O preconceito.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997, pp. 133-144.

SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1989.

VIANNA, Cláudia Pereira. **O sexo e o gênero da docência.** Cadernos Pagu, Campinas, n. 17- 18, p.81-103, 2002.

**ANEXOS**